Dia 30 — A Trasladação de São Tiago e São Sabino

Martirológio Romano

O triunfo dos santos mártires Sabino, bispo; Exuperâncio e Marcelo, diáconos; e Venustiano, presidente, com sua mulher e filhos, em Espoleto, no império de Maximiano: Marcelo e Exuperâncio foram primeiro pendurados no cavalete e logo cruelmente açoitados com varas; depois lhes rasgaram as carnes com unhas de ferro e com fogo lhes abrasaram os lados, em cujo tormento consumaram o martírio. Venustiano foi degolado pouco depois junto com sua mulher e filhos. A Sabino, depois que lhe cortaram as mãos e o tiveram em longo encarceramento, açoitaram-no até que expirou. Celebra-se o martírio destes Santos num mesmo dia, ainda que ocorreu em diversos tempos. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos Mansueto, Severo, Apiano, Donato, Honório e seus companheiros mártires, em Alexandria.

Santa Anísia, mártir, em Tessalônica. (No império de Maximiano Galério, sendo Dulcício prefeito de Tessalônica, pelos anos de 304, ia reunir-se com os fiéis Anísia, senhora cristã, jovem, de rico e nobre berço e órfã. Ao passar pela porta Cassandra, um dos guardas do Imperador que a viu se prendou de sua beleza e, pondo-se diante, disse-lhe: «Detende-vos. Aonde ides?» Anísia ofendeu-se muito de sua insolência e, temerosa, fez o sinal da cruz. Ofendeu-se também o soldado de seu silêncio, agarrou-a por um braço e lhe disse: «Quem és e aonde vais? — Eu sou, respondeu-lhe, uma serva de Jesus Cristo e vou à assembleia que se celebra para o Senhor. — Eu o evitarei, replicou o soldado, e te levarei a sacrificar aos deuses.» Dito isto, para conhecê-la rasgou-lhe o véu que no rosto levava: Anísia procurou impedir-lho; mas irado o soldado, sacou da espada e lhe atravessou o corpo, de sorte que caiu banhada em sangue e no momento expirou. Butler.)

Santo Aníxio, bispo de Tessalônica, na mesma cidade.

Santo Eugênio, bispo e confessor, em Milão.

São Libeato, bispo, em Ravena.

São Rainério, bispo, em Áquila, nos Vestinos.

A Trasladação do Corpo do Apóstolo São Tiago

Uma das festividades em que mais consolo tem a Igreja da Espanha é a do presente dia, em que, pelos breves apostólicos dos sumos pontífices Gregório XIII e Sisto V, celebra a igreja de Santiago, e com ela as da Espanha, tal dia como hoje, a festa da Trasladação do corpo sagrado de seu apóstolo, o glorioso São Tiago, cuja trasladação, deduzida da carta de Leão III sobre este mesmo assunto, de Calisto II e da história compostelana, é como segue:

Depois que o santo Apóstolo padeceu seu glorioso martírio em Jerusalém, por ordem do rei Herodes, a instâncias e com grande comprazimento dos judeus, segundo fica referido na história do Santo que se lê entre as do dia 25 de julho, não se saciando os judeus com a morte do Apóstolo, levaram sua ira e malevolência mais além da morte, nem querendo dar sepultura eles mesmos ao sagrado cadáver, nem permitindo que os cristãos que havia em Jerusalém executassem este ofício piedoso. Pelo contrário, para que de nenhuma maneira pudessem dar esta honra às cinzas do discípulo de Cristo, fizeram que o corpo, juntamente com a cabeça, fosse lançado fora da cidade, onde as aves, os cães e as feras o devorassem; e consumido deste modo, se desterrasse do mundo sua memória. Havia o santo Apóstolo levado a Jerusalém, quando voltou da Espanha, sete discípulos dos de sua maior confiança, aos quais encarregou, estando ainda vivo, que, verificado que fosse seu martírio, recolhessem seus despojos e os trasladassem à Espanha. Estes santos discípulos, desprezando todos os riscos a que se expunham no cumprimento do preceito de seu Mestre, recolheram de noite o corpo e a cabeça do apóstolo São Tiago; e resolvidos a conduzi-lo à Espanha, encaminharam-se com o maior segredo ao porto de Jope, guiando-os para sua segurança e resguardo o Anjo do Senhor. Logo que se viram no porto, acometeu-lhes outra nova aflição, porque se viam desprovidos de todo auxílio humano para verificar uma navegação tão longa e difícil; mas, como era o céu o que havia disposto que o corpo de Tiago fosse trasladado àquela mesma região em que havia pregado o Evangelho, o mesmo céu cuidou também de proporcionar os meios necessários para a execução de semelhante empresa. Achavam-se os santos discípulos à margem do mar, alegres por ver que possuíam o corpo de seu santo Mestre, mas tristes ao mesmo tempo por ver-se faltos de nau e dinheiro para trasladá-lo à Espanha. Quando consultavam entre si os meios de vencer tantos impossíveis e, indecisos em meio de seus discursos, não encontravam quem com resolução os aquietasse, eis aqui que, voltando os olhos à margem do mar, veem uma nau preparada de tudo o necessário para empreender a projetada viagem. A mesma falta de remadores e piloto que advertiram nela lhes certificou de que não havia sido conduzida ali por diligência humana, mas por particular disposição da divina Providência. Sem deter-se em mais considerações, colocaram na nau o sagrado cadáver do Apóstolo e discípulo do Senhor; e tendo-se embarcado todos eles, desfraldaram as velas e começaram a navegar com próspero vento. Iam os Santos dando a Deus as mais fervorosas graças por lhes haver preparado uma nau que, regida por sua mesma mão, era o instrumento com que se verificavam os altos desígnios de sua sabedoria. Como a navegação estava disposta e dirigida por Aquele que manda acalmar os ventos e prescreve os termos às ondas furiosas do mar, foi em tudo feliz e pacífica. Nenhum escolho se opôs a seu rumo; nenhuma tempestade torceu a proa daquele fim e destino aonde a dirigia o supremo

Piloto que a havia encaminhado; antes pelo contrário, o mar tranquilo e bonançoso e os ventos soprando continuamente na popa levaram a nau por todo o Mediterrâneo, tiraram-na ao Oceano pelo Estreito de Gibraltar e, encaminhando-a para o Poente, dirigiram-na ao Cabo Finisterra. Em suas cercanias há um porto chamado na antiguidade Ária Flávia e hoje dia o Padrón, no qual deram feliz termo a sua viagem e desembarcaram os sete discípulos o precioso tesouro que traziam no sagrado corpo de seu Mestre. Logo que se verificou o desembarque, diz o papa Leão III que, cheios de alegria e regozijo, começaram os Santos a cantar aquele versículo de Davi que diz: Teus caminhos, Senhor, estão no mar, e tu sabes formar tuas veredas em meio das águas.

Desde logo conheceram os Santos que não estavam ali bem com aquele tesouro e que deviam introduzi-lo terra adentro, onde, colocado com a maior decência que lhes fosse possível, recebesse seus obséquios e também os dos fiéis, que por meio de sua pregação se converteriam a Jesus Cristo. Entraram terra adentro e fizeram alto numa herdade chamada *Liberum domum*, distante oito milhas de Ária Flávia, o qual lugar nos tempos sucessivos se chamou Compostela. Neste lugar começaram a registrar com cuidado se haveria algum sítio a propósito para a colocação e custódia do sagrado corpo; e a pouco que haviam registrado encontraram uma gruta, na qual viram um ídolo muito grande, construído, segundo parecia, pelos pagãos. Assim mesmo encontraram vários instrumentos de cantaria, dos quais se valeram primeiramente para demolir o ídolo até reduzi-lo a pó e depois para lavrar as pedras necessárias à fábrica de uma capela. Com efeito, com aqueles instrumentos e sua indústria fizeram os Santos de modo que, tendo lançado os sólidos fundamentos que lhes pareceram necessários e tendo lavrado artificiosamente as pedras necessárias para formar alguns arcos, em breve tempo formaram uma pequena casa que pôde servir de capela e tão forte por sua construção que resistiu à voracidade dos séculos. Não contentes com isto, lavraram um sepulcro de pedra em que colocar o sagrado corpo, como com efeito o colocaram, erigindo desde aquele momento aquela capela em um dos lugares de propiciação que naquele tempo tinham os fiéis sobre a terra. Juntamente com o corpo do Apóstolo trouxeram os discípulos desde Jerusalém uma ara em que os Apóstolos haviam dito missa e uma coluna sobre a qual, segundo se creu, mandou Herodes degolar a Tiago. Estas duas pedras foram sempre tidas em grande veneração dos fiéis; e ainda que na primeira se continham as primeiras letras de uma inscrição gentílica, nem por isso se deve rebaixar nada de sua estimação, pois pôde muito bem ter-se destinado pelos Apóstolos aos usos sagrados um pedaço de mármore que anteriormente houvesse estado destinado aos profanos ritos dos gentios. A coluna tem sinais de alguma antiga piedade, pois em quatro versos que tem gravados em sua circunferência se diz assim: Esta coluna foi trazida juntamente com o corpo de Tiago, e ao mesmo tempo se recebeu também a ara que tem em cima. Cremos piedosamente que ambas as duas peças foram consagradas pelos discípulos do santo Apóstolo e que das duas formaram seu altar.

Logo que tiveram formada uma igreja competente e nela depositado com a decência correspondente o corpo de seu santo Mestre, deram a Deus infinitas graças, como a quem reconheciam por autor soberano de tantas maravilhas. Cantaram entre outras canções sagradas aqueles dois versos de Davi, que dizem: O justo se alegrará no Senhor e porá nele sua esperança; e todos os que são retos de coração serão louvados. O justo conservará sempre uma memória eterna e não temerá que esta seja difamada. Depois consultaram entre si o que deviam fazer; e como fiéis discípulos de Tiago resolveram que ficassem dois custodiando o sagrado corpo de seu Mestre e que os demais se empregassem em pregar o Evangelho pelas províncias da Espanha. Fez-

se assim, e ficaram naquela igreja primitiva, depositária de tão preciosas relíquias, Teodoro e Atanásio, e os demais se repartiram por várias terras a combater os erros da gentilidade. O mesmo fizeram em Ária Flávia Teodoro e Atanásio; e segundo diz o papa Leão III, com notório aproveitamento dos que tinham a venturosa sorte de ouvi-los, pois em breve tempo se multiplicaram tão copiosamente os fiéis que o sepulcro de Tiago tinha toda a honra e a veneração que se poderia desejar de tempos mais ilustrados. Ali perseveraram os dois santos discípulos todo o tempo de sua vida, já porque assim haviam convindo com os demais e já também porque seu coração dificilmente se podia separar de onde tinham seu tesouro. Ali trabalharam com o zelo e eficácia própria de uns apóstolos; e quando houveram de morrer, pressentindo que se lhes chegava um dia tão apetecido, pediram a seus discípulos que os sepultassem ao lado do apóstolo Tiago, formando seus sepulcros respectivos, um à direita e outro à esquerda do santo Apóstolo. Um princípio tão feliz teve uma sucessão pouco correspondente; pois, sobrevindo umas guerras e perseguições a outras, viram-se os Cristãos assolados, umas vezes pelos gentios, outras pelos vândalos e outras, finalmente, pelos suevos, que se enfureceram demasiadamente e se ensanguentaram por aquela parte. Por esta causa chegou a perder-se a memória do sítio em que estava sepultado o apóstolo Tiago, de tal maneira que não chegou a ficar mais que uma tradição de que estava numa arca de mármore, e esta numa capela subterrânea formada de arcos de pedra. De resto, ficou o sítio convertido numa espessa selva, esquecido inteiramente dos homens e tão só frequentado de feras. Assim permaneceu por muitos séculos, até que quis o céu que um tesouro tão precioso não permanecesse escondido por mais tempo, mas se manifestasse para proveito dos fiéis e glória da Igreja universal: sucedeu esta invenção por um descobrimento maravilhoso no tempo de Carlos Magno e reinando na Espanha Afonso, o Casto, nesta forma:

Quando quis o Pai das misericórdias enxugar as lágrimas de sua Igreja e afugentar da Espanha os inumeráveis bárbaros que a dominavam, cobrindo-a por todas as partes de espessas trevas, levantou caudilhos valorosos que pelejassem por seu santo nome e fizessem conhecer aos gentios que ele era o Deus dos exércitos. Entre estes foi um o rei Afonso, o qual, querendo pagar a Deus com ações de piedade os benefícios que lhe havia dispensado, dispôs que nas províncias de suas conquistas se estabelecessem sés pontificais, segundo a norma e santos estatutos da Igreja romana; e assim mesmo que se reparassem as igrejas destruídas e se estabelecessem bispos naquelas que os haviam tido nos primeiros tempos. Daqui nasceu o eleger por bispo de Ária Flávia a um tal André, do qual, e de outros treze subsequentes, nenhuma outra notícia ficou mais que a dos nomes, que são: Domingos, Samuel, Gotomaro, Vencível, Félix, Hiduilfo, Selva, Teodosindo, Bemila, Romano, Agostinho, Honorato e Hindiulfo. A estes se diz que sucedeu Teodomiro na mesma cátedra de Ária Flávia, em cujo tempo quis a divina Onipotência ilustrar a Igreja do Ocidente, revelando o sítio onde descansavam os sagrados despojos do apóstolo Tiago.

Já se disse que no mesmo sítio em que estava o sepulcro havia crescido tanta maleza que se havia convertido num espesso bosque. Certos personagens de grande autoridade viram algumas noites umas tochas tão resplandecentes sobre aquela selva que lhes chamou toda a atenção, e quanto mais se aproximaram para examiná-las, tanto mais se persuadiram a que eram umas luzes milagrosas. Admirados do prodígio, foram ao mesmo bosque, não bem satisfeitos do que haviam visto seus olhos, para informar-se mais de perto da verdade. Nesta diligência apareceu-lhes um Anjo do Senhor, de cujo aspecto surpreendidos e enamorados a um mesmo tempo, frequentaram as idas ao bosque, e Deus assim mesmo repetiu seus prodígios. Conheceram que estes deviam de

ter objeto de maior importância que o fazer uns favores particulares a suas pessoas; e assim foram ao bispo Teodomiro e lhe referiram muito pormenorizadamente quanto naquela matéria lhes havia passado. Logo que o santo Prelado ouviu tão grandes maravilhas, desejou vê-lo por si mesmo e, encaminhando-se à selva, viu sobre ela as luzes da mesma maneira que lhe havia sido dito. Não contente com isto e considerando que com aquelas luzes queria dar a entender o céu que naquele bosque se ocultava algum bem grande, o mesmo Prelado internou-se em sua maleza, buscando solícito o que Deus se dignasse manifestar-lhe. Sua diligência ficou recompensada, pois a pouco descobriu no bosque uma pequena habitação feita de mármore e dentro dela um sepulcro. Contente com semelhante achado, deu as graças devidas a Deus; e pondo-se a caminho, foi notificar ao rei Afonso o que havia ouvido e o que havia visto com seus mesmos olhos. O caso maravilhoso fez a mesma impressão no coração do Rei que havia feito no do piedoso Bispo. Um e outro conheceram que aquele era o sepulcro do apóstolo Tiago, do qual só havia ficado uma tradição confusa; e pondo-se imediatamente a caminho, foi o cristão Rei venerar por si mesmo as relíquias do santo Apóstolo e dar graças a Deus, que havia querido assinalar seu reinado com o achado de um tesouro de tanto preço. Restabeleceu a igreja no mesmo lugar em que se achou o sepulcro do Santo, dando-lhe grandes dons e fazendo-lhe muitas mercês, como consta do privilégio que tem a mesma igreja, feito no ano de 835.

Muito em breve começou a manifestar o santo Apóstolo aos espanhóis que, se em vida os havia tratado como a filhos, não havia mudado de conceito depois que reinava com Deus nos céus. Como então eram tão frequentes as batalhas com os mouros, tão grande o número destes e tão pequeno em sua comparação o dos Cristãos, tiveram estes muitas vezes necessidade de que o céu lhes desse socorro. Deu-se-lhes efetivamente por meio do apóstolo Tiago, a quem os espanhóis viram repetidas vezes capitanear seus exércitos, armado de todas as armas, mais resplandecentes que o sol, com as quais fazia horrorosas matanças nos mouros e dava milagrosas vitórias aos Cristãos. Estes benefícios não se limitaram precisamente à Espanha, mas nas nações e províncias mais remotas se experimentou igualmente seu patrocínio.

Tão portentosos auxílios estimularam a nação a que o reconhecesse e proclamasse por seu Patrono e a que os reis católicos se esmerassem em dar ao Santo provas de seus agradecidos reconhecimentos. Afonso, o Magno, reedificou o templo que o Casto erigiu antigamente sobre o sepulcro do Santo, com a magnificência própria de seu grande espírito. A quem seguiram outros monarcas católicos, aumentando com suas doações liberalíssimas e especiais privilégios aquele santuário, que sempre olharam como centro de suas venturas, onde reconheciam a poderosa mão auxiliadora da felicidade de suas conquistas.

Os sumos Pontífices concorreram por sua parte a honrar aquela igreja com seus privilégios apostólicos, pelo depósito do corpo de um herói tão digno. Urbano II trasladou a ela a antiga sé episcopal de Iria, eximindo-a da jurisdição do metropolitano de Braga. Pascoal II confirmou o mesmo indulto e concedeu o pálio, insígnia dos metropolitanos, ao bispo que foi àquela cátedra, condecorando doze cônegos de seu cabido com as insígnias cardinalícias, para que com elas assistissem ao ministério do altar do santo Apóstolo. E Calisto II elevou à dignidade arquiepiscopal a mesma sé.

Mas ainda que os referidos privilégios pontifícios e reais fizeram célebre aquele sepulcro, o que mais o fez recomendável foi a multidão de milagres e estupendas maravilhas que nele se dignou operar o Senhor pela intercessão do santo Apóstolo; não só em favor dos espanhóis, mas de todos os fiéis estrangeiros que concorreram a visitá-lo; cuja peregrinação se estimou como uma das principais dos Santos Lugares que se veneram na cristandade.

Com efeito, o voto desta peregrinação é tão sagrado e augusto que o dispensar nele é ação reservada ao sumo Pontífice, como o é também o voto de ir visitar o sepulcro de São Pedro e São Paulo e os Santos Lugares de Jerusalém. Em tudo se manifesta que Deus quis fazer glorioso o sepulcro de seu santo Apóstolo, dando-lhe uma glória no mundo que nunca teria conseguido senão por meio do martírio, e à Espanha a grande ventura de ter em seu seio as sagradas relíquias daquele Apóstolo que foi o pai de sua crença.

São Sabino, Bispo de Espoleto, e seus Companheiros Mártires

Talvez não houve jamais inimigos mais mortais e mais poderosos do nome cristão que o imperador Diocleciano e Maximiano, seu companheiro; mas tampouco esteve jamais a religião cristã nem mais triunfante nem mais gloriosa que sob o reinado destes dois Imperadores. Proscreveram por editos cheios de ameaças a religião cristã em todas as províncias do Império. O nome cristão veio a ser um nome de infâmia entre todos os pagãos. Os servos de Jesus Cristo vieram a ser criminosos porque eram demasiado virtuosos, demasiado inocentes, demasiado religiosos e demasiado castos. Quis-se que fosse um delito capital neles o não assistir aos infames jogos públicos e ao circo; e o furor de todo o inferno, desencadeado contra a santa Lei, chegou a tal extremo que se empregaram todas as forças daquele Império, que havia destruído todos os Estados e subjugado todo o universo, para exterminar uma religião que não se defendia senão correndo à morte e que não tinha outras armas senão uma invencível paciência nem outros apoios que a confiança em Jesus Cristo. Levantaram-se em todas as cidades, em todas as vilas, em todas as aldeias forcas e cadafalsos para tirar a vida a todos os Cristãos, sem outro delito que o de não ser infiéis: não se via em todas as partes outra coisa senão fogos acesos, cavaletes, caldeiras de azeite fervente, unhas de ferro, torturas. Mas em meio desta universal carniçaria de cristãos, em meio desta horrível matança, jamais houve mais heróis cristãos nem maior número de mártires; seu sangue fazia aumentar cada dia o número dos fiéis. O inferno esgotou sua raiva, sua malícia, seus artifícios, sua crueldade para acabar com o nome cristão; mas o que sucedeu foi que o paganismo se extinguiu, o império romano se viu destruído e a religião cristã se estabeleceu sobre suas ruínas. Talvez a Igreja não houvesse povoado o céu com mais de dezoito milhões de Mártires, se não houvesse havido Neros, Dioclecianos, Maximianos e outros mil inimigos do nome cristão.

A raiva e a crueldade dos pagãos contra os fiéis haviam chegado a tal excesso que, tendo resolvido Maximiano extinguir e exterminar de todo ponto o nome cristão, mandou que em todos os mercados, nos moinhos públicos, nos fornos, nos caminhos, em todas as estalagens e junto aos

mananciais de água, nos rios, nas fontes houvesse pequenos ídolos e que ninguém pudesse tomar água, fazer moer ou comprar coisa alguma sem que houvesse adorado o ídolo. A malícia do demônio não havia achado coisa mais diabólica nem mais própria para descobrir os Cristãos ou fazê-los apostatar que este ímpio artifício. Mas o Senhor, que vela sem cessar sobre seus servos, proporcionou os socorros às necessidades. Numa tirania capaz de fazer titubear as mais fortes colunas levantou homens extraordinários que por sua intrepidez, sua virtude milagrosa, sua habilidade, seu zelo e seus trabalhos apostólicos souberam alentar tão bem os fiéis naquelas terríveis extremidades, souberam sustentá-los tão bem, animá-los e ajudá-los que todos os laços e artifícios do inferno vieram a ser inúteis e de nenhum proveito.

Um dos mais ilustres destes heróis cristãos foi o admirável São Sabino, bispo de Espoleto, na Úmbria. As atas de seu martírio não nos dizem nem seu nascimento, nem seu país, nem o tempo de sua consagração. Só se sabe que era bispo de Espoleto quando o imperador Maximiano levou sua raiva e sua perseguição contra os Cristãos até os últimos excessos. São Sabino havia disposto os fiéis muito tempo havia contra todo o furor do paganismo com suas instruções, seus cuidados e seus trabalhos apostólicos. A pureza de costumes, a fé e o fervor reinavam no rebanho pela longa solicitude do Pastor, o qual creu que no presente risco não devia limitar seu zelo só a Espoleto; e assim percorreu todas as cidades e povos da província, consolando a uns, alentando a outros e assistindo a todos com seus conselhos, com suas exortações, com os Sacramentos e com todos aqueles socorros que pode procurar às almas um homem verdadeiramente apostólico.

Seus infatigáveis trabalhos não deixaram de produzir frutos maravilhosos; pasma ver que um meio tão eficaz como o que havia empregado a malícia pagã contra os Cristãos se tivesse feito inútil. Fizeram-se furiosas averiguações e pesquisas sem termo para descobrir por que artifício os Cristãos permaneciam constantes em sua Religião. Descobriu-se este artifício; soube-se que o bispo Sabino tinha ele só mais eficácia para animar e fazer inflexíveis os Cristãos em sua fé que todos os editos dos Imperadores, todos os seus tormentos e todos os seus artifícios para perdê-los.

Noticioso disso Venustiano, governador da Toscana, deteve muito cedo este ditoso progresso. Tendo sabido que nosso Santo estava em Assis e que não cessava dia e noite de consolar e animar os Cristãos, aos quais ia alentar até nas cavernas subterrâneas, foi a Assis precipitadamente e, tendo-o encontrado no glorioso exercício de seu zelo com dois de seus diáconos, Exuperâncio e Marcelo, fê-los prender com alguns outros de seu clero e, tendo-os carregado de cadeias, encerrou-os numa horrorosa prisão. Poucos dias depois enviou pelos santos prisioneiros para que comparecessem diante dele; e depois de lhes haver lançado em rosto a ousadia com que haviam menosprezado até então as ordens do Imperador, mandou-lhes que adorassem ali mesmo uma pequena estátua de Júpiter, feita de coral e coberta de uma tela de ouro, que estava em seu gabinete. São Sabino, inflamado de um novo zelo e de uma viva fé, tomou o ídolo em suas mãos e, arrojando-o à terra com menosprezo, fê-lo em pedaços.

Esta generosa ação irritou tanto a Venustiano que ali mesmo fez cortar as duas mãos ao santo Bispo e estender sobre o cavalete a Exuperâncio e a Marcelo, onde os fez moer a pauladas, despedaçar com unhas de ferro, queimar com tições acesos até que exalaram o espírito ao rigor destes horríveis suplícios. São Sabino, que, achando-se presente a tudo, não cessou de animá-los ao martírio durante todo o tempo dos tormentos, foi voltado ao cárcere, onde se havia resolvido

deixá-lo morrer entre as agudas dores que lhe causavam suas duas mãos cortadas e de pura miséria; mas a Providência divina proveu a tudo.

Serena, viúva de ilustre nascimento e que possuía grandes riquezas, as quais unicamente empregava em alívio dos santos Confessores, sendo cristã muito tempo havia, assistiu-o e lhe ministrou o necessário. Sua generosa piedade não esteve muito tempo sem recompensa. Tinha um sobrinho cego chamado Prisciliano; levou-o ao Santo, o qual, tendo feito uma breve oração por ele, alcançou-lhe ali mesmo a vista. Este milagre foi causa de que se convertessem quinze presos que haviam sido testemunhas dele. O governador Venustiano havia deixado descansar o Santo trinta dias, pelo motivo de um grande mal de olhos que o havia posto a pique de perder a vista. Sendo inúteis todos os remédios que se lhe aplicavam e crescendo a dor cada dia, foram dizer-lhe que o bispo Sabino acabava de dar vista a um cego. O temor de perder os olhos e a dor aguda que o atormentava obrigaram-no a ir ao cárcere ver o santo Bispo; foi lá com sua mulher e dois filhos e, encarando-se com o Santo, disse-lhe: Rogo-vos humildemente que vos esqueçais dos tormentos que vos fiz sofrer e tenhais por bem dar-me algum alívio na insuportável dor que padeço. São Sabino lhe respondeu que, se queria crer em Jesus Cristo e fazer-se batizar com toda a sua família, logo ficaria perfeitamente são. Venustiano aceitou o partido e, lançando ao rio os pedaços do ídolo de coral que nosso Santo havia quebrado, pediu-lhe que o instruísse na fé e no instante se achou curado e recebeu o Batismo; sua mulher e toda a sua família participaram da mesma ventura, o que, tendo vindo à notícia do Imperador, mandou que ou negassem logo a fé de Jesus Cristo ou que se lhes cortasse a todos a cabeça. A constância na fé fez deles outros tantos Mártires; e São Sabino teve o doce consolo de ver este ditoso esquadrão coroado antes que ele com a diadema do martírio.

Lúcio, sucessor de Venustiano no cargo do governo, fez conduzir a Espoleto São Sabino: instou-o fortemente a que se submetesse à vontade do Imperador; mas vendo que assim suas promessas como suas ameaças eram inúteis, fê-lo açoitar com látegos forrados de chumbo, cuja ordem foi executada com tanta barbárie que o Santo expirou entre os golpes. O Martirológio romano põe este glorioso martírio no dia 30 de dezembro. Seu santo corpo foi levado durante a noite pela virtuosa Serena, a qual o enterrou a meia légua da cidade, e com ele as mãos que havia conseguido por dinheiro e havia embalsamado. Com o tempo edificou-se uma magnífica igreja sobre seu sepulcro; e muitas cidades da Itália se gloriam de ter algumas porções de suas relíquias.

Missa (oração)

A missa é da trasladação do corpo do apóstolo São Tiago, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, qui dispositione mirabili corpus beati Jacobi apostoli de Hierosolymis ad Hispaniam transferri, et in Compostella gloriose sepeliri voluisti: concede, quæsumus, ut ejus meritis et precibus in cælesti Jerusalem collocari mereamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que quisestes que por uma admirável disposição o corpo do bem-aventurado apóstolo Tiago fosse trasladado de Jerusalém à Espanha e sepultado gloriosamente em Compostela, concedei-nos que, por seus méritos e intercessão, mereçamos ser colocados na celestial Jerusalém. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 15 da primeira carta do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 15,39-50

> **Latim:** [39] Non omnis caro, eadem caro : sed alia quidem hominum, alia vero pecorum, alia volucrum, alia autem piscium. [40] Et corpora cælestia, et corpora terrestria : sed alia quidem cælestium gloria, alia autem terrestrium. [41] Alia claritas solis, alia claritas lunæ, et alia claritas stellarum. Stella enim a stella differt in claritate : [42] sic et resurrectio mortuorum. Seminatur in corruptione, surget in incorruptione. [43] Seminatur in ignobilitate, surget in gloria : seminatur in infirmitate, surget in virtute : [44] seminatur corpus animale, surget corpus spiritale. Si est corpus animale, est et spiritale, sicut scriptum est : [45] Factus est primus homo Adam in animam viventem, novissimus Adam in spiritum vivificantem. [46] Sed non prius quod spiritale est, sed quod animale : deinde quod spiritale. [47] Primus homo de terra, terrenus : secundus homo de cælo, cælestis. [48] Qualis terrenus, tales et terreni : et qualis cælestis, tales et cælestes. [49] Igitur, sicut portavimus imaginem terreni, portemus et imaginem cælestis. [50] Hoc autem dico, fratres : quia caro et sanguis regnum Dei possidere non possunt : neque corruptio incorruptelam possidebit.

Português: [39] Nem toda a carne he huma mesma carne: mas huma certamente he a dos homens, e outra a dos animaes, huma a das aves, e outra a dos peixes. [40] E corpos ha celestiaes, e corpos terrestres: mas huma he por certo a gloria dos celestiaes, e outra a dos terrestres: [41] huma he a claridade do sol, outra a claridade da lua, e outra a claridade das estrellas. E ainda ha diferença de estrella a estrella na claridade: [42] assim tambem a resurreição dos mortos. Semêa-se o corpo em corrupção, resuscitará em incorrupção. [43] Semêa-se em vileza, resuscitará em gloria: semêa-se em fraquezza, resuscitará em vigor. [44] He semeado o corpo animal, resuscitará o corpo espiritual. Se ha corpo animal, tambem o ha espiritual, assim como está escrito: [45] Foi feito o primeiro homem Adão em alma vivente, o ultimo Adão em espírito vivificante. [46] Mas não primeiro o que he espiritual, senão o que he animal: depois o que he espiritual. [47] O primeiro homem formado da terra, he terreno: o segundo homem do ceo, celestial. [48] Qual foi o terreno, taes são tambem os terrenos: e qual he o celestial, taes são tambem os celestiaes. [49] Pelo que, assim como trouxemos a imagem do terreno, tragamos tambem a imagem do celestial. [50] Mas digo isto, irmãos: que a

carne e o sangue não podem possuir o reino de Deos: nem a corrupção possuirá a incorruptibilidade.

Reflexões

Todo o fim de São Paulo nestas palavras da Epístola se reduz a desterrar de entre os coríntios a perniciosíssima persuasão de que o homem morre nem mais nem menos que morrem as bestas. A este intento lhes inculca a doutrina da ressurreição, que tanto eco fez no Areópago; mas ao mesmo tempo adverte aos que já haviam abraçado a doutrina do Evangelho quão perigoso é juntar-se em companhia com os que sentem de outra maneira; e prova esta verdade alegando um verso de Menandro que diz: que as conversações viciosas corrompem os bons costumes. Depois propõe por si mesmo as principais dificuldades que os filósofos opunham contra a ressurreição e as vai desatando com razões sólidas e exemplos oportunos. Um deles é o do grão de trigo, que primeiro se corrompe e depois renasce mais formoso e com mais vigor do que tinha antes, de modo que já não é um grão, mas muitos. Segue depois a manifestar que a este modo dará Deus ao corpo humano, depois da ressurreição, uma formosura e graça tais que parecerá que mudou de natureza. Mas por quanto nem todos serão igualmente ditosos, impedindo-o suas mesmas obras, diz que nem todos poderão ser medidos com uma mesma medida, assim como, ainda que seja carne a do homem, a do bruto, a das aves e a dos peixes, nem por isso deixa de haver nelas uma grande e notabilíssima diferença. Da mesma maneira haverá grande diversidade entre os corpos dos que ressuscitarem para ser eternamente gloriosos e aqueles que ressuscitarem para ser eternamente pasto das vorazes chamas do inferno. Haverá também entre os corpos dos mesmos bem-aventurados, porque suas mesmas obras serão a medida com que se lhes dispense a claridade, a sutileza e a impassibilidade, que são as qualidades gloriosas com que hão de ser adornados os corpos dos justos. Neste sentido chama corpo animal ao que não está ainda glorificado, considerando-o agravado com o peso da carne e desonrado com a mortalidade a que se acha sujeito. Pelo contrário, ao corpo glorioso o considera como espiritual e cheio de virtude e glória: que isto quer dizer: semeia-se um corpo animal, e ressuscitará um corpo espiritual.

Para que toda esta doutrina da ressurreição recebesse uma confirmação sólida com exemplos de notória grandeza e ao mesmo tempo se fizesse útil para a moral, traz o exemplo de Adão e de Jesus Cristo, atribuindo a cada um o que lhe corresponde: ao primeiro a perdição, ao segundo o remédio; ao primeiro o pecado e contaminação universal, ao segundo a graça e redenção do mundo. Por isso diz que o primeiro homem, como formado de terra, era terreno; e o segundo, como descendido dos céus, é celestial. Daqui tira uma consequência capaz de reformar os costumes e instituir a vida cristã, qual deve ser segundo as máximas do Evangelho. Diz o santo Apóstolo: Assim, pois, como trouxemos em nós a imagem do homem terreno, tragamos também a do celestial. E isto o digo, irmãos, porque a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus, nem a corrupção possuirá a incorruptibilidade. Eis aqui o fim e o objeto a que se dirige toda a doutrina do Apóstolo. De nada serviria que lhes avisasse que sua alma era imortal e que havia de vir tempo em que este corpo, que se converte em cinzas, voltasse outra vez a cobrar seu ser e forma, ressuscitando para uma vida interminável, se não ensinasse ao mesmo tempo que havia

dois destinos, um de glória e outro de pena eterna. Esta terrível verdade é capaz por si só de arredrar os ânimos mais altivos e de conservar à justiça todos os seus direitos. Chegando os homens a persuadir-se de que suas ações hão de ter um prêmio ou um castigo diferentes do que logram neste mundo, põem imediatamente freio a suas paixões; e aquela soberba que haviam concebido em força do posto encumbrado ou da posse de umas riquezas perecíveis logo se desvanece e dissipa. Conhecem que há um Ser onipotente, cujos decretos são irresistíveis, que hão de vir forçosamente a parar em suas mãos e que hão de ser tratados segundo os ápices da justiça; que há um reino futuro, que é o reino de Deus, e que este não o hão de possuir a carne nem o sangue; por conseguinte olham os demais homens como a quem podem ver no dia de amanhã eternamente ditosos e assim mesmo despojados daquele reino e condenados para sempre a uma desventura eterna. Ó doutrina da ressurreição! Se os mortais te tivessem mais presente em sua memória, como suas ações seriam mais inocentes e se aparelhariam de contínuo para uma ressurreição não ignominiosa e terrena, como diz o Apóstolo, mas espiritual e cheia de glória!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 20 de São Mateus.

Mateus 20,20-23

> **Latim:** 20 Tunc accessit ad eum mater filiorum Zebedæi cum filiis suis, adorans et petens aliquid ab eo. 21 Qui dixit ei : Quid vis ? Ait illi : Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, et unus ad sinistram in regno tuo. 22 Respondens autem Jesus, dixit : Nescitis quid petatis. Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum ? Dicunt ei : Possumus. 23 Ait illis : Calicem quidem meum bibetis : sedere autem ad dexteram meam vel sinistram non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.

Português: 20 Então se chegou a elle a mãe dos filhos de Zebedeo com seus filhos, adorando-o, e pedindo-lhe alguma cousa. 21 Elle lhe disse: Que queres? Respondeu ella: Dize que estes meus dous filhos se assentem no teu reino, hum á tua direita, e outro á tua esquerda. 22 E respondendo Jesus, disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o calis, que eu hei de beber? Disserão-lhe elles: Podemos. 23 Elle lhes disse: He verdade que vós haveis de beber o meu calis: mas pelo que toca a terdes assento á minha mão direita, ou á esquerda, não me pertence a mim o dar-vo-lo, mas isso he para aquelles, para quem está preparado por meu Pai.

Meditação

Sobre o culto e veneração que se dá às relíquias dos Santos

Primeiro ponto

Considera a grande diferença que há da honra e veneração com que são tratadas as cinzas dos justos em respeito das dos grandes monarcas e príncipes da terra, e entenderás desde logo com quanta sabedoria dispôs a divina Providência que as recompensas sejam ainda neste mundo proporcionadas ao mérito das obras.

Na verdade, os grandes do mundo, enquanto vivem esta vida mortal, recebem dos demais homens umas honras e obséquios de que eles mesmos se envergonham no íntimo de sua alma, porque sua consciência não lhes apresenta mais que delitos; e por malvados que sejam, não podem deixar de assentir àquela verdade que só adjudica honras à virtude. Pelo contrário, os justos vivem uma vida obscura e desprezível e poucas vezes recebem dos demais homens aquelas atenções regulares que prescreve a humanidade. Chega o tempo da morte de ambos: ao poderoso se lhe tributam umas exéquias e pompas fúnebres que testificam por si mesmas que aquilo se dedica a um monumento de soberba, à carne e ao sangue, a um homem vicioso. Os sentimentos do coração dos assistentes estão sempre fixos na altanaria com que viveu aquele personagem, nas viúvas e órfãos que oprimiu em suas obscenidades e injustiças; e ao mesmo tempo que com a assistência exterior de seus corpos estão honrando a memória daquele poderoso, estão em seu coração abominando seus delitos. Pelo contrário, apenas morre o justo, desconhecido antes dos homens, quando o céu se empenha imediatamente em exaltar sua memória e fazer que todos os mortais conheçam sua virtude e lhe tributem os devidos obséquios. Com que reverência se assiste a suas exéquias, que são mais bem um espetáculo de glória e de triunfo que um aparato fúnebre de tristeza! Com que veneração se olha aquele cadáver extenuado, maltratado e afeado com o desasseio e o desalinho, e olhado em vida como um retrato da morte! Que sinais de bem-aventurança não se descobrem naquele macilento semblante, e com quanta ânsia procuram todos enriquecer-se com a parte mais mínima de suas roupas e de quanto tinham para seu uso! Mas tudo isto é nada se se considera a multidão de sentimentos ternos e afetuosos que naquele mesmo instante se apoderam de todos os corações. As ideias de bondade, de doçura, de fidelidade, de beneficência, numa palavra, a ideia de todas as virtudes naturais e cristãs ocupa a mente de todos e, entre as admirações com que recordam as ações de sua vida, misturam-se os multiplicados obséquios que tributam a seus despojos. Por isso dizia o real Profeta (Sl 138): Teus amigos, ó grande Deus, estão demasiadamente honrados; e seu principado, com que reinam sobre as almas, robusteceu-se demasiadamente. Com efeito, quem não pasma ao ver povos inteiros, cidades numerosas, reinos magníficos e poderosos ocupar-se na aquisição de um pequeno osso de um Santo, adorná-lo com prata e ouro e, o que é mais que tudo, adorá-lo, dobrar em sua presença os joelhos e estimá-lo em mais preço que todos os tesouros do mundo? Lograram jamais um obséquio semelhante as cinzas dos soberbos conquistadores do mundo, nem deu este um prêmio semelhante aos que temeu e adorou como a seus soberanos? Não, na verdade; entre as coisas que fazem Deus admirável em seus Santos, não se pode duvidar que é das principais o culto e veneração que se tributa a suas relíquias.

Segundo ponto

Considera que, não obstante ser Deus sumamente zeloso de sua glória e não permitir que se alienem nem se tributem a outro objeto as honras que lhe são devidas, contudo não somente permite, mas quer e manda que se honrem e venerem as relíquias de seus servos, já para dar esta recompensa à virtude, e já para satisfazer de algum modo a humilhação, opróbrio e envilecimento com que os tratou o mundo.

Os Santos, quando estavam nesta vida, trataram a seus corpos com desprezo; e se se olha com os olhos do mundo, trataram-nos com crueldade. Fome, sede, cilícios, disciplina, falta de sono, nudez e uma privação eterna de todas as comodidades: eis aqui os instrumentos com que domaram os Santos a sua carne e com que a fizeram cooperar aos prêmios incompreensíveis de que já são possuidores. Sem a cooperação do corpo, houvera podido a alma conseguir tão admiráveis triunfos das paixões e da concupiscência? O mérito do jejum, o da mortificação, o da vigília e sobretudo o grande mérito do martírio, poderia lograr-se com só o espírito impassível? É evidente que não. Logo a justiça mesma exige que o corpo, como instrumento e companheiro do espírito na aquisição de tantas glórias, seja também participante delas. É justo que se tributem honras àqueles membros sagrados que foram despedaçados por Jesus Cristo e que não recusaram arder nas fogueiras para ser vítima da verdade. Mas o maravilhoso é que consigam estes prêmios e esta glória não somente na vida eterna, mas também nesta perecível e mortal. Isto o dispôs Deus para confusão dos perversos e para acrescentar a glória de seu santo nome. Aquela dor, aquela confusão e arrependimento que pinta o Espírito Santo no coração dos malvados no capítulo 5 da Sabedoria, não se verificará somente no dia terrível do juízo, mas provam sua amargura com antecipação quantas vezes veem adorar as relíquias dos Santos. Fazem-se desentendidos, duvidam por algum tempo, esforçam-se a negar que aquela seja uma coisa justa e devida; mas a Religião, com um poder irresistível, lhes faz conhecer toda a força da verdade e, comendo-se interiormente, exclamam despeitados: Nós, insensatos, tínhamos sua vida por loucura e seu fim por desonrado; mas olha como estão contados entre os filhos de Deus. Ao mesmo tempo trazem à memória, sem poder remediá-lo, aquelas obras que eles tinham por desprezíveis e obscuras, conhecem que delas lhes resulta todo aquele obséquio e reverência, e daqui nasce uma luz brilhante e formosa que ilustra suas almas e lhes ensina todo o preço da virtude. Conhecem que diante de Deus nada é permanente, nada tem estimação senão a verdadeira virtude. A glória do mundo passa como uma sombra: aqueles feitos ruidosos que estremecem os impérios e enchem de assombro os habitantes do mundo, as grandes vitórias, as grandes conquistas, os maravilhosos descobrimentos, as empresas de maior glória, quanto caracteriza de heróis os personagens terrenos, nada disto merece estimação nem recompensa no tribunal da verdadeira justiça. Chega, sim, com grande ruído até a borda do sepulcro; mas apenas uma lápide fria cobre as cinzas destes fantasmas de heroicidade, quando sua memória fica sepultada com eles. Mas a virtude sólida e verdadeira, que somente se pode achar nos que arrumam sua vida segundo as máximas do Evangelho, nunca perece; sua memória será sempre eterna, e Deus fará que tributem parte de suas honras aos despojos e relíquias daqueles servos seus que lhe foram fiéis e que as observaram.

Jaculatórias

A todos sereis aborrecíveis por causa de meu nome, dissestes, ó Deus meu, a vossos servos; mas não perecerá um só cabelo de vossa cabeça. (Lc 21.)

Os corpos dos Santos estão sepultados em paz, e seus nomes permanecerão vivos por todas as gerações, que venerarão sua memória e adorarão suas relíquias. (Eclo 44.)

Propósitos

1. Se se considera o que são fisicamente as relíquias dos Santos, é certo que parece uma ação fora de todo juízo e prudência o tributar-lhes adorações e culto. As relíquias não são outra coisa que uns pedaços de ossos carcomidos ou umas pequenas partículas de corpos mortos que puderam escapar da corrupção; porque, ainda que é certo que a incorruptibilidade é argumento de santidade e virtude no sujeito em que se acha, se há outras provas que o convençam, também é certo que não é requisito necessário e condição essencial, que prove falta de santidade naqueles em quem não se encontra. As relíquias, pois, consideradas segundo sua natureza física, não mereceriam outra coisa de nossa parte senão asco, desprezo e horror, como acontece com todas as coisas dos defuntos. Porque que coisa há no mundo que excite mais o horror que uma caveira descarnada e carcomida? Que pode tocar o homem com tanta náusea como os intestinos e carne podre de um morto? Que coisa se despreza tanto nem se olha tão envilecida como aquelas roupas que se empregam em mortalhas e que, tintas da corrupção do cadáver, contêm em si todos os motivos de asco, de desprezo e de fazer uma coisa aborrecível? Não obstante isto, vemos tanta multidão de gentes sensatas que se apressam e fazem as diligências mais requintadas por adquirir alguma pequena parte destas roupas ou destes ossos. Vemos que o adornam com seda e ouro, que o depositam em caixas ricamente lavradas dos metais mais preciosos, que adornam depois com as pedras de mais estimação que tem a natureza. Ainda vemos mais: vemos que estas relíquias as trazem ao peito, colocam nelas o remédio de suas necessidades, imploram o patrocínio daqueles de quem foram parte, que supõem já reinando com Cristo; colocam-nas nos altares; dedicam-lhes grandes festividades e, nas calamidades públicas de fome, peste, seca, guerra ou fogo, tiram-nas em público triunfo entre orações e cânticos; opõem-nas como uma muralha contra a desolação e como um sinal de paz e remissão entre Deus e os homens. Pois agora bem, os que praticam isto são gente sensata, são homens sábios que investigaram os segredos da natureza e apuraram a ciência dos costumes. São uns povos numerosos, são províncias inteiras, são reinos dilatados; será possível que tanta gente prudente adote um erro e tenha por virtude uma coisa injusta? É certo que, considerada a fragilidade humana em si mesma e as miseráveis superstições em que estão anegadas províncias inteiras, não se faria difícil crer que pudesse suceder o mesmo com as relíquias dos Santos. Mas nesta matéria temos os Cristãos a tradição constante da Igreja, e a Igreja mesma, que no concílio de Trento (sess. 25) definiu que as relíquias dos Santos se apresentam aos olhos dos fiéis como uns salutares exemplos para que componham seus costumes. São Jerônimo defendeu a honra que se deve dar às relíquias, escrevendo sobre este assunto contra Vigilâncio. Santo Ambrósio venerou com grande pompa e magnificência os corpos dos santos

Nazário e Celso. Santo Agostinho assistiu por si mesmo à trasladação de muitas relíquias de Santos e venerou por si mesmo as do protomártir Estêvão. E por último, o grande Crisóstomo assegura (liv. 4 *De Fide,* cap. 16), quase com as mesmas palavras que usou depois o concílio de Trento, que Deus nos concedeu as relíquias dos Santos para conduzir-nos por este meio à sua imitação. De tudo isto se infere, ó cristão, que, quando a Igreja da Espanha te apresenta neste dia a trasladação do corpo de Tiago desde a Judeia até a Galiza, te lembra todas as verdades que viste nestas considerações e te ensina que é um ponto de fé o dar culto às relíquias dos Santos. Que tu deves deduzir para teu proveito: o primeiro, o imitar as virtudes a que dispôs Deus que se tributem tão grandes honras; e o segundo, um conhecimento interior de que todos os bens e glórias deste mundo são transitórias e não te devem merecer outra coisa que desprezo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:32 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:32 by Admin